

ESTUDO E TRABALHO NOS PERCURSOS DE JOVENS BRASILEIROS EM PORTUGAL: COMPREENDENDO SUAS TRAJETÓRIAS A PARTIR DOS CONCEITOS DE *PROJETO* E *CAMPO DE POSSIBILIDADES*

STUDY AND WORK IN THE PATHS OF YOUNG BRAZILIANS IN PORTUGAL: UNDERSTANDING THEIR TRAJECTORIES FROM THE CONCEPTS OF PROJECT AND FIELD OF POSSIBILITIES

Bianca Lyrio Matheus Aguiar Pinho CORREIO¹

Artigo recebido em 14/01/2022, aceito em 28/02/2022, publicado em 01/04/2022.

Palavras-chave:

Migração estudantil;
Jovens brasileiros em Portugal;
Trajetórias de migração;
Mercado de trabalho;
Estudantes internacionais.

Keywords:

Student migration;
Young Brazilians in Portugal;
Migration trajectories;
Labor market;
International students.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a trajetória migratória de jovens brasileiros que desembarcam em Portugal nos âmbitos da educação e do trabalho. Estes chegam no novo país com intuito primordial de estudar, contudo, o trabalho é parte inerente de suas jornadas, tendo em vista suas limitações materiais. Utilizamos os conceitos de *projeto* e *campo de possibilidades* do antropólogo Gilberto Velho e fizemos entrevistas em profundidade para compreender as narrativas dessas pessoas através de uma perspectiva indutivista. Concluímos que apesar de serem considerados muitas vezes indivíduos privilegiados, estes experimentam uma série de dificuldades ao longo de seus percursos migratórios.

ABSTRACT

This work aims to understand the migratory trajectory of young Brazilians who land in Portugal in the fields of education and work. These arrive in the new country with the primary intention of studying, however, work is an inherent part of their journey, given their material limitations. We used the anthropologist Gilberto Velho's concepts of *project* and *field of possibilities* and conducted in-depth interviews to understand the narratives of these people. We conclude that despite being considered privileged individuals many times, they experience a series of difficulties along their migratory paths.

¹ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8420-2117>.

1. INTRODUÇÃO

Dados de 2019 do Gabinete de Estratégia e Estudos de Portugal indicam que os brasileiros são a maior comunidade estrangeira residindo neste país, com mais de 151 mil indivíduos vivendo regularmente, este número representa 25,6% do total de migrantes residentes em Portugal. Dentre os perfis migratórios mais recentes de brasileiros que tem chegado no território luso nos últimos anos, verificou-se a entrada de migrantes com maior qualificação, investidores, aposentados e estudantes, o que denota uma maior diversificação de tais perfis (França & Padilla, 2018) se comparado aos fluxos migratórios desde meados da década de 1980, quando temos a primeira onda migratória mais significativa de brasileiros para Portugal (Malheiros, 2007).

Seguindo esta lógica de crescimento e tendo em vista que um dos novos perfis de migrantes indicados anteriormente são os estudantes, vemos um aumento substancial deste grupo nas instituições de ensino superior portuguesas. Dados de 2019 da Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência de Portugal indicam que o número de estudantes internacionais matriculados em universidades e institutos politécnicos no país já soma 58.350, dos 384.391 inscritos totais existentes, sendo a nacionalidade brasileira a mais significativa: 21.001 alunos no ano letivo 2019-2020. Neste sentido, dado este incremento e visto ainda a inserção urbana destes estudantes nas economias de conhecimento, viagem e lazer (Malet Calvo, 2018), este trabalho tem como objetivo compreender as trajetórias destes estudantes nos âmbitos da educação e do trabalho a partir dos conceitos de *projeto* e *campo de possibilidades*.

Tomamos como base os aportes do antropólogo Gilberto Velho para entender os dois conceitos supracitados. Acreditamos que estes dão uma lente diferencial para a compreensão das migrações atuais, sobretudo no que tange aos estudantes brasileiros (os quais também são trabalhadores) que vem desembarcando em Portugal nos últimos anos. Realizamos entrevistas em profundidade com oito indivíduos que se encaixam neste perfil para compreender seus percursos migratórios.

A trajetória consiste em uma técnica qualitativa em que recolhemos informações através da reconstituição das experiências de cada sujeito (Alonso, 2016). No caso desta pesquisa, tal reconstrução foi feita a partir de seus próprios relatos, por meio de entrevistas semiestruturadas em profundidade a partir do método indutivo de análise. O que buscamos, portanto, é mostrar que as histórias destas pessoas compreendem processos e estruturas sociais (*ibid.*).

Além disso, após a análise das entrevistas, alguns temas foram transversais às experiências destes migrantes, como a importância dos laços de amizade, o preconceito presente na vida ordinária, sobretudo com as mulheres brasileiras, e a condição vulnerável em que muitos se encontram, agravada com a pandemia mundial de Covid-19. Deste modo, também procuramos nos embasar em trabalhos que abordam

mais especificamente estes assuntos com o intuito de enriquecer nosso tema, o qual possui uma importante centralidade na sociedade contemporânea, principalmente para os dois países em questão.

2. MÉTODO

Esta pesquisa encontra-se concluída, tendo sido realizadas oito entrevistas semiestruturadas e em profundidade entre os meses de abril e maio de 2020 de maneira virtual. De acordo com a socióloga Marcia Lima (2016, p. 27), através das entrevistas conseguimos “captar experiências, valores, opiniões, aspirações e motivações dos entrevistados”, aspectos que estão em concordância com nossos propósitos de pesquisa. As entrevistas tiveram duração de cerca de 40 minutos até 1 hora e 40 minutos e a entrevistadora manteve contato posterior com os interlocutores para tirar dúvidas no decorrer do processo de análise das informações. Selecionamos jovens que desembarcaram em Portugal, em sua maioria, para ingressar no ano letivo de 2018-2019. Vale ressaltar ainda a proximidade da entrevistadora com três dos entrevistados, o que através da técnica de bola de neve permitiu alcançar o número e quantidade de material desejável para a execução desse trabalho. Para manter o anonimato destes sujeitos, utilizamos nomes fictícios. Criamos uma tabela que sintetiza algumas informações sobre eles.

Quadro 1 – Informações gerais sobre os interlocutores

Nome	Idade	Graduação no Brasil	Situação laboral no Brasil	Curso em Portugal	Recebeu ajuda \$ dos pais
Bernardo	32	Eng. de Produção (PUC-RJ)	Desempregado por 1 ano (antes trabalhava em sua área)	Mestrado em Engenharia e Sustentabilidade – UC	Não (recursos próprios)
Paula	32	Direito (Estácio-RJ)	Desempregada por 2 anos (antes trabalhava em sua área)	Mestrado em Direito Financeiro e Fiscal - UL	Sim (ainda recebe)
Roberta	28	Publicidade (ESPM-RJ)	Desempregada por 2 anos (antes trabalhava em sua área)	Pós-graduação em Marketing Digital – UNL	Sim
Daniela	32	Administração (PUC-RJ)	Desempregada por 5 meses (antes: e-commerce em empresa de roupas)	Mestrado em Information Systems Management - UNL	Não (recursos próprios; em alguns momentos pediu ajuda ao pai)
Marcela	28	Publicidade (PUC-RJ)	Atendimento em agência de publicidade	Mestrado (2015-17) e Doutorado (2019-23) em Design de Comunicação – Lusófona e UL, respectivamente	Não (recursos próprios; teve bolsa durante o mestrado)
Eric	23	Estatística (UnB-DF)	Chegou em Portugal com um emprego remoto do Brasil	Mestrado em Análise e Gestão de Risco - UNL	Sim
Gustavo	26	Comunicação Social (FAESA-ES)	Assistente de marketing em empresa de plano de saúde	Mestrado em Marketing Intelligence – UNL	Sim
Leonardo	29	Administração (UNIFACS-BA)	Recepcionista de hotel (cerca de 1 ano de duração)	Pós-graduação em Comunicação e Pesquisa de Tendências – UL	Não (recursos próprios)

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

As entrevistas foram feitas com quatro mulheres e quatro homens com idade entre 23 e 32 anos que chegaram em Portugal com o intuito primordial de realizar um curso de pós-graduação. Contudo, é importante destacar que tão importante quanto os estudos, o trabalho também permeia a trajetória destas pessoas. Tratam-se, portanto, de jovens-adultos que cursaram a graduação no Brasil e saíram de grandes metrópoles neste país para buscar a melhoria de sua qualidade de vida, o que para eles significa a expectativa de que a experiência proveniente de um diploma adquirido no exterior trará uma série de benefícios pessoais e profissionais para suas trajetórias¹ (Koris, Mato-Díaz, & Hernández-Nanclares, 2021). Em sua maioria se autodeclararam brancos, falantes de pelo menos mais de um idioma, e que já tiveram experiências de intercâmbio ou viagens internacionais anteriores à saída do Brasil.

Eles podem ser considerados dentro do perfil socioeconômico que entendemos como classe média, tendo um grande apoio de suas famílias, tanto financeiro quanto moral. Contudo, tendo em vista a grande diversidade existente dentro desta classificação, consideramos nossos entrevistados inseridos dentro do que Gilberto Velho compreende como *camadas médias*. O termo foi usado em diversos trabalhos do antropólogo, mas destacamos aqui sua dissertação de mestrado, que virou livro posteriormente: *A Utopia Urbana* (1989). As camadas médias urbanas possuem ideologias bastante particulares, atreladas a uma experiência de classe que valoriza questões ligadas ao status e prestígio social. Portanto, ter um bom emprego, formação de qualidade, viajar, ter poder de compra, participar de eventos culturais são alguns aspectos que ajudam a compreender quem são essas pessoas.

O roteiro das entrevistas contou com perguntas abertas que nos deram liberdade para adaptação conforme a fala de cada interlocutor, além de uma breve ficha com as informações essenciais para identificá-los: nome, idade, local de nascimento, onde estudou/trabalhou no Brasil e onde estudava/trabalhava em Portugal, dentre outros aspectos. Nas perguntas, tentamos compreender como foi a experiência especificamente na faculdade, o dia a dia, a opinião deles sobre as aulas, os professores, e se as expectativas corresponderam à realidade. Já quando abordamos o ambiente laboral, buscamos entender como eram seus trabalhos, o regime de horas e folgas, quanto ganhavam, o que eles pensavam sobre suas funções, além de perspectivas futuras. Outras perguntas ainda foram realizadas, mas não usamos para a confecção deste trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Baseado nas ideias do filósofo e sociólogo austríaco Alfred Schütz (1971), Gilberto Velho (1994) explica que os conceitos de *projeto* e *campo de possibilidades* são interessantes para nos ajudar na análise

¹ Entretanto, mostraremos mais a frente que a realidade a qual estes indivíduos se deparam, é muito mais dura do que estes esperavam.

de trajetórias. Para o antropólogo, "Projeto, nos termos deste autor, é a conduta organizada para atingir finalidades específicas. Para lidar com o possível viés racionalista, com ênfase na consciência individual, auxilia-nos a noção de campo de possibilidades como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos" (*ibid.*, p.40). Para os efeitos desta pesquisa, a *finalidade específica* que o grupo em questão almeja é a migração do Brasil para Portugal², a qual é permeada pela obtenção de um diploma de pós-graduação internacional, além de questões ligadas a busca pela melhoria de sua qualidade de vida e novas experiências. Estes jovens entram no país como estudantes, mas logo que chegam precisam se inserir também no mercado de trabalho, tendo em vista a limitação de seus recursos materiais e de suas famílias. Assim, o que iremos abordar nas próximas laudas é como estes sujeitos colocam em prática seus *projetos* na sociedade acolhedora.

Neste sentido, para nossos entrevistados, uma pós-graduação realizada em uma instituição de ensino superior portuguesa representa uma melhoria de sua qualificação profissional, o que poderia levar a posterior inserção no mercado de trabalho português/europeu, simbolizando para eles a melhoria de sua qualidade de vida, visto que a educação internacional tem sido compreendida como uma forma de capital social (Findlay, 2010).

Quando estes indivíduos aterrizam em Portugal, se deparam com uma nova realidade, isto é, com um *campo de possibilidades* distinto do anterior aos seus processos de partidas. Ou seja, uma vez que o *campo de possibilidades* pode ser compreendido como as "alternativas construídas do processo sócio-histórico" (Velho, 1994, p. 28), novos caminhos e estratégias são traçadas para a concretização de seus *projetos*, na medida em que outras conjunturas sociais, econômicas, culturais, históricas etc. são colocadas na vida destas pessoas. Portanto, o que iremos discutir nas próximas duas seções deste trabalho é como estes jovens migrantes brasileiros vão delineando suas trajetórias de vida, baseado em seus *projetos* migratórios em um novo *campo de possibilidades*, nos âmbitos da educação e do trabalho.

3.1 A vida acadêmica

Após as entrevistas, constatamos que existia uma expectativa muito grande no imaginário dos interlocutores que participaram desta pesquisa em relação à universidade e principalmente ao curso que escolheram. Muitos basearam suas escolhas na boa avaliação das instituições, bem como em suas inserções em rankings europeus e mundiais, o que chamou a atenção destes jovens aspirantes ao processo migratório. Contudo, ficou claro que a maioria deles se desapontou de alguma forma com a experiência concreta no

² Dentre os principais motivos que levaram estes jovens a optarem pelos estudos em Portugal eles mencionaram a melhoria da qualidade de vida (suposto baixo custo de Portugal, segurança, transportes públicos mais eficientes e acessíveis, possibilidade de viajar para outros países europeus etc.), vontade de viver novas experiências, conhecer pessoas e uma nova cultura (mesmo que próxima a brasileira), a língua portuguesa, uma rede de amizades já estabelecida no país, dentre outros aspectos.

ensino superior português. Seja pelos professores, pela didática distinta da brasileira ou por causa de informações desencontradas e falta de organização das instituições. Todos reclamaram de alguma maneira no que concerne à esfera educacional. Nesta direção, investigando sobre o processo de construção de Lisboa no imaginário de brasileiros, Ferreira & Callou (2016) analisam que

[...] o imigrante, ao fazer uso do espaço urbano, busca localizar-se, estabelecer pontos de referência e assim criar formas de sobrevivência, procurando usufruir desse espaço, compreendê-lo e, principalmente, senti-lo. Este imaginário de aproximação que se foi fortalecendo até ao momento prévio à partida vai ser colocado à prova no momento de chegada, quando ocorrem os primeiros contatos com Portugal e os portugueses. Nessa fase, emerge um quadro de “estranhamento”, algo inesperado, que parece afastar os brasileiros dos portugueses (Ferreira & Callou, 2016, p. 13).

Desta forma, considerando que a universidade é um dos primeiros espaços com que este grupo de migrantes teve contato logo nos momentos iniciais em Portugal, podemos dizer que a primeira característica constatada em suas narrativas no âmbito educacional foi exatamente esse “estranhamento” de que falam as autoras. Os *projetos* foram tomando forma e sendo colocados em prática antes mesmo deles chegarem, e as altas expectativas eram inegáveis. Destarte, o impacto que eles sentiram na esfera dos estudos foi bastante significativo. Roberta foi uma das entrevistadas que mais dedicou tempo em explicar sobre suas expectativas e posteriormente a realidade a qual se deparou. Seu raciocínio foi de que ter uma especialização realizada em uma universidade em Portugal³, abriria portas para ela se inserir no mercado de trabalho deste país.

Tendo nos situado em relação ao cenário esperado, foi perguntado então sobre a realidade encontrada. Ela disse em sua área de atuação no Brasil, o Marketing Digital, há uma necessidade muito grande de saber utilizar certos programas, como o *Google AdWords*⁴, por exemplo, o que ela imaginava que veria na prática, num laboratório em que cada um pudesse aprender usando de fato o instrumento. Mas as aulas em que essa ferramenta foi trabalhada ocorreram dentro de uma sala de aula comum, com o professor mostrando os *prints*⁵ da tela do computador. Ela relatou os problemas de aprendizado com o método escolhido pelo professor para oferecer o conteúdo aos alunos.

– Então era muito difícil de acompanhar, era muito difícil de você aprender. (...) Eu tinha experiência, mas não em algumas coisas. Por exemplo, quando eu trabalhava, eu tinha uma menina que era o meu par, então a gente se dividia, ela ficava com a parte ‘x’ do *AdWords* (...) e eu ficava mais com outra parte, de conteúdo. Enfim, eu tenho uma noção, mas eu não sei na prática várias coisas, que eles nem passaram, eles nem viram. Eu achei uma coisa completamente louca.

³ Quando perguntamos aos entrevistados se estes haviam cogitado uma universidade no Brasil, de modo geral, eles indicaram que chegaram a pesquisar cursos, mas em Portugal estes eram mais baratos, mesmo fazendo a conversão do real para o euro. Um único interlocutor que cogitou fazer mestrado em uma universidade pública no Brasil (portanto, sem pagar mensalidade), disse que não era possível conciliar estudos e trabalho, então acabou optando pelo curso em Portugal, que dava essa possibilidade.

⁴ *Google Ads* (ou *Google AdWords*, como antes era conhecido) é o principal serviço de publicidade da *Google*.

⁵ *Print screen* é uma ferramenta que serve para capturar uma imagem na tela do computador.

Roberta comentou ainda sobre outra disciplina que simplesmente não compreendeu: “eu fiquei perdida e eu vi que não era a única. (...) Todo mundo estava desesperado, tipo sem entender nada”. Nesse caso específico, o problema foi contornado com a ajuda dos seus colegas de classe, que foram se contactando e os que sabiam um pouco mais ajudavam os que não compreendiam a matéria.

Falaremos mais à frente a respeito da importância das redes sociais para os migrantes, mas é válido já destacar o quanto essas relações têm um peso ainda maior na vida destes estudantes. É preciso esclarecer ainda que, de acordo com os entrevistados, seus cursos eram compostos em sua maior parte por estrangeiros, sobretudo brasileiros, logo, foram criados mecanismos de ajuda mútua por compartilharem a mesma situação. Mais adiante eu perguntei se ela achou que o curso correspondeu as suas expectativas, e sua resposta foi clara em relação a sua decepção.

– Foi. Eu acho que eu podia ter feito um cursinho no Rio [de janeiro], que eu pagava 500 reais e talvez tivesse sido melhor. (...) Mas isso é pro meu curso, é a minha experiência. Pros meus amigos que faziam curso relacionado à TI [Tecnologia da Informação], a mercado financeiro, alguma coisa do tipo assim, eles não têm as mesmas reclamações que eu. Para eles a faculdade foi muito boa. (...) É porque realmente, (...) não adianta você me dar algo digital com o *print* da tela.

Outro ponto de destaque levantado foi a questão da didática dos professores e a inevitável comparação com o ensino no Brasil. Foi interessante constatar que todos, em algum momento de suas entrevistas, afirmaram ser comum os brasileiros acharem que tudo no Brasil é ruim e o que vem de fora ou da Europa é melhor. Porém, quando se depararam com o ensino, essas representações mudaram completamente. Novamente Roberta disse que: “Professores que eu achei também muito fracos, (...) eu acho que o ensino no Brasil é muito melhor. De didática, de saber passar o conhecimento que eu tenho pra pessoas leigas. De cobrança, eu achei tudo muito fraco. Isso porque é uma das maiores faculdades daqui”.

Da mesma maneira, Paula também afirmou ter tido dificuldades com a adaptação ao método de ensino, dizendo que: “Eu acho o Brasil mais didático, acho os professores do Brasil mais didáticos⁶, aqui é tudo muito como são todos os portugueses, é tudo muito seco, tudo muito direto, e é assim também no ensino deles”. Gustavo não explicitou a palavra didática, mas também destacou as diferenças na forma como o conteúdo foi passado em suas aulas, além da questão da organização: “eu achei no Brasil muito melhor, organizado, (...) e fazia muito mais sentido as coisas que eu fazia do que aqui. Aqui (...) professor dando umas aulas que você fala ‘*mano*, não é possível””. E além da forma de lecionar, as avaliações/cobrança também foram destaques negativos para estes estudantes. Eric explicou que:

– Aqui [em Portugal] (...) se você estudar só o que ele te deu na sala, você consegue tirar 10 na prova. E eu acho que falta muita informação sabe, eles passam só a informação

⁶ Talvez a opinião da interlocutora esteja arraigada nas diferenças culturais e na própria forma distinta de se lecionar entre Brasil e Portugal.

geral e deixam você ir atrás do resto, só que esse resto que você corre atrás nem cai na prova (...) ‘pra que que eu vou estudar isso, será que é realmente importante?’ Então como no Brasil, tudo que é passado (...) é cobrado na prova, você acaba absorvendo mais sobre aquele conteúdo naquela matéria. Então, é um pouco da minha crítica aqui que eu vejo.

Devemos salientar, no entanto, que de forma alguma é nossa intenção criar consensos a respeito do ensino superior português ou brasileiro. Estamos analisando como foi essa experiência para este grupo em questão. Assim, novamente Ferreira e Callou (2016) explicam que “a decisão de emigrar, associada à possibilidade de “ter uma vida melhor”, está sempre ancorada em ideias positivas que são construídas sobre o lugar de destino. Lisboa aparece assim como um espaço de oportunidade, de concretização de desejos” (p. 14). Deste modo, podemos apreender que talvez as opiniões de Roberta, Paula, Gustavo e Eric se basearam em expectativas altamente positivas, e tendo em vista que a realidade é normalmente mais complexa do que nossas aspirações, é possível que tenha ocorrido um depósito muito grande de esperanças nos cursos escolhidos.

Na própria fala mais à frente na entrevista de Eric, ele afirma que: “60% dos professores eu gostei muito, eles eram muito empenhados e os outros 40% eles eram empenhados, mas eles não tinham didática pra dar aula (...) mas se você chegar pra perguntar pra ele, ele era super claro”. O que mostra a importância de não criarmos olhares dicotômicos a respeito de um assunto específico, pois nem mesmo as narrativas de suas próprias experiências de vida demonstram visões de mundo absolutas. Portanto, trazemos ainda a fala de Daniela, a qual apesar de também mostrar um lado negativo de sua vivência no ensino superior português, já manifesta uma reflexão mais ponderada sobre o assunto.

– Muita gente achou fraco, conheço gente que saiu nos primeiros meses e voltou pro Brasil (...). Conheço gente que tá aí até hoje. (...) Não vou dizer que eu sou apaixonada pela faculdade 100%, (...) [mas] ela abre portas. (...) As aulas valeram a pena porque tem professores influentes. Tem professores, querendo ou não, que sabem bastante. Eu tive aula com um professor que não era nada didático. Mas ele trabalhou num dos maiores mercados aqui, mercado *on-line*. (...) Eu tive professores ruins, eu tive professores que abriram a minha mente, eu tive professores que era melhor nem ir. Eu tive de tudo. Vou dizer que foi a experiência da minha vida? Talvez. Mas por enquanto (es)tá tudo bem, vai servir pro diploma que eu quero.

E há ainda falas completamente opostas às explicitadas até aqui, como foi o caso da experiência contada por Leonardo, que ao contrário dos demais disse ter tido um contato muito mais satisfatório com professores portugueses do que brasileiros. Ou seja, o relato também mostrou uma opinião que contém questões positivas e negativas sobre o curso de pós-graduação em Lisboa, porém, quando chegamos à opinião a respeito dos professores, esta foi totalmente diferente das narrativas até então.

– Eu achei que quando era o professor daqui [de Portugal], que dava duas, três matérias, era muito bom, porque dava para ver que ele já tinha tido a experiência e que ele tinha muito conhecimento, (...) e ele tinha muita paixão pelo assunto. (...) E eu sentia que eu

aprendia muito nas aulas dele. E quando eram aulas dos outros professores, que eram brasileiros, eu sentia que era muito desconexo. Então tinha um professor que a gente achava ele péssimo, porque ele não falava sobre pesquisa de tendência, ele não falava sobre a comunicação, ele falava muito sobre arquitetura, e ficava todo mundo meio assim. (...) 'Por que que eu to vendo arquitetura? Não tem nada a ver, não tem link para fazer'.

Além da questão do ensino, outro aspecto da experiência destes estudantes diz respeito ao preconceito que algumas interlocutoras sofreram no ambiente acadêmico. Marcela, que se candidatou a uma bolsa da universidade, relatou que durante seu mestrado teve problemas relacionados ao machismo de um dos professores. Em uma aula sobre design de produto em que o professor estava falando sobre um esfregão utilizado para limpar ambientes domiciliares, um dos colegas não entendeu do que se tratava o objeto e perguntou ao docente. No que ele respondeu: “A esfregona⁷ que a Marcela usa pra limpar a casa”. Ela disse que ficou extremamente chateada com a situação, percebida por ela como extremamente machista ao identificar a limpeza doméstica à única mulher brasileira da sala, mas preferiu não discutir com o professor.

– Eu fiquei em choque. (...) E isso foi no início do curso, eu falei ‘meu deus, tô ferrada cara’. (...) Fiquei muito preocupada, muito triste. Então assim, com esse professor foi um saco, porque eu tive que passar por todo aquele processo de mostrar que eu era capaz, que eu era uma boa aluna. No final ele (es)tava me amando, mas eu tinha um *bode* eterno dele né. Eu só tinha que ter uma boa nota, eu nunca desrespeitava, mas a minha vontade era de responder. (...) Eu (es)tava querendo a bolsa na época ainda⁸, mas eu fiquei muito mal, me doeu muito.

É importante frisarmos que as quatro entrevistadas desta pesquisa relataram que compreendem Portugal como um país ainda muito machista, principalmente por parte dos mais idosos, destacando o fato de serem mulheres brasileiras. A literatura sobre este assunto é vasta, desvelando a complexidade da experiência das migrantes brasileiras em Portugal (França & Oliveira, 2021; Gomes, 2013; Padilla, 2007; Pontes, 2004). E no que tange ao ambiente acadêmico, essa situação de vulnerabilidade torna-se ainda mais delicada, tendo em vista que a relação professor-aluno(a) é uma ligação em que o primeiro exerce poder sobre o segundo(a), e onde vemos claramente um abuso deste domínio em determinadas situações (Sá, Folriani & Rampazo, 2017).

Assim, da mesma forma que ocorre na sociedade, a “ideia de subalternidade da mulher inferior é replicada nas relações entre alunas e professores” (*ibid.*, p. 25). Por isso, achamos importante trazer mais depoimentos destas difíceis experiências. Roberta fez um grande relato sobre um de seus professores, que de acordo com ela, era muito reconhecido no mercado de trabalho de sua área, a publicidade, mas não tinha nenhuma experiência em sala de aula, tendo sido convidado pelo coordenador do curso dela, sendo a sua primeira turma.

⁷ No português de Portugal a palavra é utilizada no feminino.

⁸ Marcela conseguiu uma bolsa de isenção das propinas (mensalidades) na época que cursou o mestrado.

– Um *cara* tipo mega premiado. Só que eu tinha que aturar coisas dele falando em nível de ‘se uma mulher quer comprar um celular, ela pede dinheiro pro pai ou ela ganha do marido’. (...) ‘O homem não tem vontade de comprar um sorvete, a mulher é que fica enchendo o saco querendo sorvete, aí a mulher que vai ao mercado, porque quem vai ao mercado é a mulher e quem paga é o homem’. (...) Cara, como uma das maiores faculdades da Europa, com premiações (...) e eu tenho que ouvir um absurdo desse durante a aula, sabe?

De acordo com Roberta, as aulas com este professor foram muito desgastantes, e muitas vezes ela preferia se retirar de sala do que permanecer e se estressar ou até discutir com o docente. Além do fato de que algumas alunas, segundo ela, não conseguiam perceber as atitudes deste professor (sobretudo as portuguesas) e as vezes ainda respondiam coisas que corroboravam para um panorama ainda mais machista. Numa das discussões, Roberta disse a ele: “sinto pena de vocês, eu sinto pena daqui, do país, porque se você é a pessoa que influencia e (...) que cria as propagandas pra passar na TV, na revista, sendo (...) retrógrado, eu tenho pena, esse país não vai evoluir tão cedo”.

Comparando a situação de Marcela e Roberta, vemos que a primeira lidou com a circunstância se calando, enquanto a segunda escolheu questionar diretamente o professor em algumas situações. Apesar das conjunturas serem completamente diferentes, visto que com Marcela, o problema parece ter sido bastante pontual, não tendo se repetido, mas afetando-a diretamente, enquanto com Roberta o machismo foi recorrente, porém, não gerava uma questão pessoal dela com o professor, mas que mesmo assim a abalava. Acreditamos que a maior cautela de Marcela ocorreu pelo seu interesse em não criar atritos com o professor para que isso não interferisse em conseguir uma bolsa na universidade, na medida em que existem sanções sociais para alunas que questionam professores machistas, o que leva muitas a se calarem (Sá et al., 2017).

Estamos diante de dois pontos importantes nesta pesquisa, que dizem respeito ao *campo de possibilidades* e à *vulnerabilidade*. Mesmo trabalhando com um grupo relativamente homogêneo, existem diversas particularidades em suas trajetórias, o que pode ser compreendido no caso de Marcela, como uma situação de maior *vulnerabilidade* dentro de seu *campo de possibilidades*. Seu interesse em uma bolsa na faculdade tinha a ver com uma questão de necessidade financeira. Conseguir a bolsa para Marcela significava ter um alívio no pagamento de suas contas em Portugal, uma tranquilidade maior enquanto estudante em um país estrangeiro em que ela precisava se manter a qualquer custo e sem a ajuda de familiares até o fim do mestrado.

Já com Roberta vemos que “a vulnerabilidade é contraposta à solidez das redes familiares (...). Contando com familiares e amigos, a possibilidade de escapar da ultra exploração é maior, pela circulação de informação, de oportunidades, de ajuda etc.” (Machado, 2015, p. 218). Ou seja, neste caso, sua estrutura material familiar tinha condições de fornecer um suporte maior para ela. O contexto de exploração ao qual o

autor se refere consiste na situação laboral dos migrantes brasileiros em Portugal, mas acreditamos que a circunstância vulnerável é experimentada também no âmbito acadêmico, não sendo uma exploração, mas uma exposição desconfortável a qual Roberta e, principalmente, Marcela se submeteram.

Há ainda um outro ponto a ser abordado que se refere à grande quantidade de estudantes brasileiros nos cursos dos entrevistados desta pesquisa. A partir dessa realidade, podemos pensar nas relações de amizade entre estas pessoas. O que constatamos foi que mesmo depois da maioria dos interlocutores terem relatado que dentro das experiências que buscavam num novo país, estava a vontade de conhecer pessoas diferentes e fazer novas amizades, eles acabaram por se relacionar muito mais com os próprios brasileiros. Mesmo em turmas em que não predominavam estudantes vindos do Brasil, os entrevistados disseram se aproximar mais de seus conterrâneos. Podemos afirmar então que, as identidades culturais entre os brasileiros em Portugal aumentam suas possibilidades de interação.

Ainda que não tenha sido um movimento calculado dessas pessoas, possivelmente afinidades provenientes do compartilhamento de realidades culturais semelhantes podem ter prevalecido⁹. Trata-se em sua maioria de jovens-adultos brasileiros que deixaram seu país por diversos motivos, para tentar recomeçar em Portugal a partir dos estudos no ensino superior. Isso sem contar as próprias áreas de interesse, visto que estamos falando de amizades que começaram, geralmente, dentro do mesmo curso, na mesma sala de aula. Vimos logo nas primeiras laudas desta discussão com Roberta, que quando ela e seus colegas de sala de aula se viram em uma situação complicada de não entendimento do conteúdo ministrado por um professor, eles se uniram em uma ajuda mútua para tentar superar este obstáculo, auxílio que ocorreu entre brasileiros¹⁰.

Barreto e Dutra (2012) mostram a importância dos laços de solidariedade entre parentes, vizinhos e conterrâneos como fator fundamental para a integração dentro do processo migratório. Elas afirmam que “os laços sociais (...) se configuram em arranjos espaciais urbanos marcados pela tríade parentesco-amizade-vizinhança, sendo atualizados através de ocasiões rituais, emergenciais e de sociabilidade ordinária” (p. 72). Neste sentido, mesmo que estes jovens migrantes estivessem buscando uma interação mais cosmopolita, suas novas amizades provenientes do mesmo lugar de origem revelam na verdade o reforço dos laços para com seus compatriotas, na medida em que estas pessoas passam a conviver no dia a dia, compartilhando os mais diversos momentos de suas trajetórias pessoais.

⁹ Além disso, como vimos, a não aceitação por parte dos portugueses, sobretudo com as mulheres, como abordado anteriormente, também pode ter tido um peso na formação de suas redes de sociabilidade.

¹⁰ Essa informação não tinha sido explicitada antes, mas durante a redação desse parágrafo confirmei via *WhatsApp* com Roberta se ela estava falando de colegas brasileiros e ela respondeu que “foram brasileiros se ajudando sim”.

3.2 O universo profissional

Como informamos no início deste trabalho, apesar destes jovens-adultos terem chegado em Portugal com o status principal de estudantes, em seus *projetos* migratórios o trabalho tinha grande protagonismo. Mesmo com alguma reserva monetária para alguns e a ajuda financeira dos pais para outros, tendo em vista que a intenção de todos era permanecer no país após o término de seus estudos¹¹, fazia parte de seus planejamentos conseguir um emprego na sociedade acolhedora. Além disso, em sua maioria, eles relataram que tinham a expectativa de que tais empregos fossem em suas áreas de atuação no Brasil, com exceção de Gustavo, que queria ser professor universitário e Leonardo, que nunca gostou de trabalhar no que se formou no Brasil, mas almejava um posto de trabalho relacionado ao que veio estudar em Portugal. De todo modo, todos gostariam que seus novos empregos fossem qualificados e de prestígio social, algo que podemos relacionar às suas inserções nas camadas médias brasileiras.

Neste sentido, concordamos com Wilken e Ginnerskov Dahlberg (2017) quando estes autores explicam que muitos migrantes estudantis têm se deslocado perseguindo mais do que o objetivo educacional, como é o caso dos participantes desta pesquisa. Eles acreditam que os estudos internacionais abrirão novos caminhos para a inserção no mercado de trabalho como mão de obra qualificada no exterior. Contudo, como já salientamos, esta não foi a realidade encontrada para a maioria, e assim, eles tiveram que aceitar empregos mal remunerados e de pouca qualificação, como foi o caso de Marcela, que não tinha uma grande reserva monetária, conseguindo um emprego em uma cafeteria três semanas após a sua chegada no país, tendo relatado que seus recursos financeiros já estavam se esgotando naquele momento. Sendo assim, para alguns há uma necessidade muito mais latente de que o trabalho seja arranjado rapidamente, o que faz com que estes sujeitos acabem por se inserir em trabalhos precários (Machado, 2015).

Por outro lado, o *campo de possibilidades* no que concerne aos aspectos materiais, proporcionava a alguns do grupo um leque de alternativas maior no que tange a viabilidade de mais tempo sem emprego sem que sua permanência em Portugal fosse comprometida, como no caso de Daniela, por exemplo, que ficou pouco mais de um ano sem um emprego, tendo passado por diversos processos seletivos até conseguir a inserção profissional em sua área original de atuação no Brasil. O que não significa, entretanto, que estas trajetórias também não tenham sido permeadas por muita apreensão em relação a suas situações econômicas, e conseqüentemente a continuidade de seus *projetos* migratórios no novo país.

Quando pensamos na condição da juventude atual e suas dificuldades de inserção no mercado de trabalho, José Machado Pais (2016) pode nos ajudar a pensar tal realidade, visto que “as escolhas biográficas não deixam de estar condicionadas pelas estruturas de oportunidade. A retórica centrada nas

¹¹ Entretanto, após pouco mais de um ano em Coimbra, Bernardo foi ao Brasil de férias e decidiu ficar de vez, não tendo concluído seu mestrado.

incapacidades individuais, se levada ao extremo, isenta de responsabilidade as políticas falhadas de criação de emprego” (p. 37). Portanto, é importante lembrarmos que o avanço do capitalismo financeiro nas últimas décadas fez crescer a flexibilização das relações trabalhistas e a terceirização econômica, o que coloca os mais jovens em situações de maior precariedade, com o agravante de que estes são também migrantes, o que os deixa em posições ainda mais desprivilegiadas.

Analisemos então exemplos desta realidade a partir das trajetórias de Paula e Roberta, que se conheciam previamente por terem dividido apartamento em Portugal. Elas trabalhavam na recepção do mesmo hotel, porém em horários diferentes, em uma posição claramente inferior a suas qualificações. No caso de Roberta, ela conseguiu este emprego através de uma amiga do Brasil que trabalhou numa agência de publicidade com ela. Esta amiga trabalhava no escritório de uma rede de hotéis e vendo a necessidade de contratação de mais funcionários, indicou Roberta. Assim, ela começou sendo chamada para cobrir faltas e férias de outros empregados, assinando contrato posteriormente. Da mesma forma, quando Roberta soube que ainda havia a necessidade de extras, ela indicou Paula, que também foi contratada depois de alguns meses.

Para pensar as relações pessoais em termos de amizade podemos lançar mão do conceito de rede. A antropóloga Ana Enne (2004), baseada no trabalho de Barnes (1987), afirma que a característica fundamental de uma rede é sua grande capacidade de articular interações sociais: “Uma rede seria, portanto, uma construção social de relações de grandezas distintas, mas que possibilitariam o contato entre os diversos elementos que iriam gerar sua composição (por exemplo, parentesco, vizinhança, laços políticos, dentre outros)” (p. 265). Fica claro que os laços de amizade foram essenciais para que Roberta e em seguida Paula conseguissem um emprego, ainda que fora de suas áreas originais de atuação, mas totalmente necessário à manutenção de suas vidas em outro país.

Existe uma rede de migrantes brasileiros em Portugal bastante desenvolvida e altamente articulada em que a circulação das informações é essencial (Padilla, 2006; Peixoto & Egreja, 2012). Podemos citar algumas dessas ocasiões, como dicas dos melhores lugares para tirar documentos, como aconteceu com Paula, que ficou na casa de uma amiga brasileira em suas duas primeiras semanas em Lisboa, que a ajudou bastante com as burocracias iniciais; ou ainda a conseguir um preço ou localização melhor no arrendamento de quartos/apartamentos, como ocorreu com Marcela que se mudou para o antigo imóvel de uma amiga brasileira, mantendo o mesmo valor; e a própria companhia no cotidiano, que ameniza a saudade da família e amigos que estão distantes.

Ainda sobre questão laboral, Roberta considera que seu trabalho tem um nível de exploração considerável¹², visto que ganha pouco em sua opinião e trabalha doze horas por dia, num regime de rodízio de folgas. Ela enfatizou ainda que quando seu descanso é de apenas dois dias, não se sente plenamente recuperada, pois o trabalho é pesado e ela fica sozinha na recepção, tendo que resolver todas as demandas. Disse que precisava parar seu almoço diversas vezes, subia e descia escadas constantemente, enfim, “é uma exploração bizarra”, como ela mesma coloca. Já Paula trabalha neste mesmo esquema, mas com o agravante de que seu horário é noturno, o que torna o trabalho menos pesado que o de Roberta, mas mais complicado no que se refere aos seus compromissos com a faculdade, por exemplo. Paula disse que: “Eu gosto do meu trabalho, só não é um trabalho que eu me veja fazendo por muito tempo, porque ele é muito desgastante”.

É interessante enfatizar ainda que Paula e Roberta chegaram a procurar emprego em suas respectivas áreas de atuação e não encontraram. Não só elas, mas todos do grupo, com uma exceção, relataram ser muito difícil se inserir no mercado de trabalho português, seja em engenharia, direito, marketing ou outras áreas. As dificuldades não parecem ser exclusivas de Portugal, visto que três deles estavam desempregados há mais de um ano no Brasil. Investigando sobre os dilemas e desafios dos jovens, suas perspectivas de futuro e o mercado de trabalho, novamente José Machado Pais (2016) salienta que

[...] o desemprego e a precariedade laboral atingem amplas camadas juvenis, independentemente dos seus capitais escolares ou culturais. O fenómeno manifestava-se já a finais do século passado (Pais, 2001), tendo-se acentuado a partir da crise financeira de 2008. (...) A crença de que a sociedade pós-industrial seria um oásis onde se trabalharia cada vez menos e de forma cada vez mais qualificada e enriquecedora tem dado lugar, na realidade, a desemprego, subemprego, e trabalho precário, especialmente entre os jovens. (*ibid.*, p. 34-35)

Portanto, vemos que a geração da qual faz parte o grupo aqui pesquisado é bastante afetada por uma situação laboral de escassez e incerteza sobre a concretização de seus *projetos*. Se refletirmos a respeito da circunstância mais complicada a qual se encontra estes migrantes, podemos dizer que para estes jovens é ainda mais difícil concretizar seus objetivos. Pois mesmo com uma situação material razoável e com estrutura familiar sólida em alguns casos, tais sujeitos estão muito distantes de seus parentes e amigos mais íntimos, além de deixarem de poder contar com seus familiares, à medida que se tornam mais independentes, com uma série de deveres e responsabilidades.

Da mesma forma que Paula e Roberta, Gustavo conseguiu seu primeiro emprego no setor de hotelaria através de um amigo peruano que fez durante seu mestrado. De acordo com ele, esse amigo trocou de casa e ficou uma semana hospedado num *hostel* em que acabou fazendo amizade com o gerente, que

¹² Situação esta que não é exclusiva de Portugal, mas sim do modelo capitalista de acumulação flexível ao qual grande parte do globo está submetida atualmente.

relatou estar precisando de uma pessoa para trabalhar no bar. Assim, seu amigo indicou Gustavo, que permaneceu neste trabalho por seis meses até conseguir outro emprego, ainda fora de sua área de atuação no Brasil, numa empresa que atua com soluções em estratégia de negócios, consultoria digital e tecnologia (também por indicação do mesmo amigo).

O emprego no *hostel* era de meio período no horário noturno, o que não o dava plena estabilidade financeira, tendo que recorrer aos seus pais ao final de cada mês para que eles enviassem alguma ajuda monetária. Quando perguntei se ele tinha algum conhecimento prévio para a função de *bartender*, ele afirmou que muito pouco, mas que isso não foi um problema, pois seu chefe queria mais alguém que entretece os hóspedes e os animasse a beber, do que propriamente uma pessoa com experiência na área. E assim ele começou a aprender aos poucos: “o primeiro mês foi um perrengue do caramba, porque eu ficava sozinho, às vezes fazia fila, mas no final eu já estava muito bem, tanto é que quando eu saí foi a maior tristeza”.

O brasileiro possui alguns estereótipos no imaginário dos portugueses relacionados à simpatia e à alegria. Conforme explica Machado (2007), os empregadores do ramo hoteleiro, bares e restaurantes buscam essas características, e, portanto, a fama de que os brasileiros são pessoas festivas, com ânimo contagiante, garantem espaço neste mercado de trabalho. Assim, essa realidade possibilita a obtenção de emprego em determinadas áreas de maneira mais fácil caso a pessoa em questão se adeque a tais estereótipos. Contudo, ela relaciona-se a um processo de *exotização* bastante complexo envolvendo migrantes brasileiros em Portugal, trazendo consequências negativas para certos grupos, como a associação da mulher brasileira a prostituição, por exemplo (*ibid.*).

E além dos estereótipos, outro aspecto difícil que os migrantes brasileiros precisam lidar é a xenofobia. Apesar do pouco tempo que ficou no país, Bernardo conseguiu um trabalho na área de vendas em uma empresa de energia elétrica, em que sua função era vender o serviço de forma direta, indo à casa das pessoas. Sendo assim, ele afirmou que embora existam muitos brasileiros em Portugal que trabalham neste setor, é muito difícil dialogar e conquistar a confiança dos portugueses: “você chega na casa das pessoas, aquelas mais idosas, elas já são meio *boladas* com a gente (...). Ela acha que você vai lá na casa dela para enganar, então muitos já começam dando *passa fora*, assim que você toca na casa ou no estabelecimento da pessoa (...) então eles tinham um pouco do preconceito”.

Malheiros (2007) explica que desde a primeira onda migratória de brasileiros em Portugal no fim da década de 1980, surgem momentos de tensão que são amplamente enfatizados pela mídia “em que se atribui aos Brasileiros a responsabilidade por determinadas situações de escassez/concorrência laboral ou de aparente desordem social” (p. 35). Portanto, é de se esperar que, principalmente entre os mais idosos (que convivem há mais tempo com esses estereótipos sobre os migrantes brasileiros), exista um preconceito mais exacerbado, se comparado aos mais jovens, como foi apontado pela maioria dos interlocutores.

Leonardo coincidentemente trabalhava na mesma empresa de tecnologia que Gustavo no momento da entrevista. Ele foi muito relutante em trabalhar em funções de menor prestígio social: “eu sabia que eu não queria trabalhar em restaurante, que eu não queria trabalhar, assim, é muito feio eu falar isso, mas a gente chama de subemprego. Eu sabia, mas se precisasse, eu trabalharia”. Deste modo, ao mesmo tempo que mandava currículos para restaurantes, hotéis etc., também enviava inúmeras candidaturas para empresas que ofertavam cargos de maior qualificação, até que conseguiu ser contratado. Neste sentido, Leonardo possui um emprego dito de maior qualificação, mas ainda não é o que sonha fazer como *projeto* de vida. Ele completou sua narrativa sobre este tópico comentando que um de seus maiores medos era que via muitas pessoas chegando em Portugal e tendo que trabalhar de madrugada, em pé, num cotidiano muito duro, o que ele disse que não queria de jeito nenhum para sua vida.

Vemos que diferente das trajetórias expostas até aqui, a estratégia de Leonardo para conseguir um emprego foi distinta das demais. Até então vimos que foram as redes sociais que articularam a circulação de informações para que Gustavo, Paula e Roberta conseguissem um contrato de trabalho. Todavia, no caso de Leonardo, e de Daniela e Eric, que serão apresentados a seguir, estes conseguiram sozinhos a concretização de parte de seus *projetos*. A função de Daniela é fazer o *e-commerce* de uma empresa alemã que é fabricante de peças de automóveis. Tendo demorado cerca de um ano para conseguir este emprego, ela cogitou voltar ao Brasil, pois seu dinheiro estava acabando. Antes de conseguir este emprego, ela trabalhou em um projeto com seu orientador do mestrado de forma remunerada. Comparando sua vida antes e depois de conseguir este emprego, ela afirmou que “antes eu não tinha nenhum (...) eu passei um ano procurando emprego, então qualquer um que entrava, sim, já fazia a diferença. [Hoje] eu consigo viver numa boa, a conta super fecha”.

Já Eric teve mais facilidade para encontrar emprego em sua área, tendo conseguido no terceiro mês, além de ter chegado à Lisboa com um emprego remoto do Brasil que deixou assim que conseguiu se inserir no mercado de trabalho português. Todavia, apesar de estar inserido em um emprego desejado, ele afirmou que gostaria de algo mais criativo dentro de seu trabalho, porém, ainda é uma área pouco desenvolvida no território português: “porque é um pouco mais difícil ter essa parte do que eu gosto, que é estatística (...) aqui em Portugal é *B.I.* (...). E a parte que eu gostaria de trabalhar mais é a segunda etapa, que é mais *Data Science*”. Portanto, falamos em concretização de *projetos*, posto que ambos conseguiram se inserir nas áreas desejadas de atuação.

Precisamos ainda abordar um cenário recente de bastante instabilidade nos diversos planos da vida, mas principalmente no que concerne à situação laboral destas pessoas. Trata-se da pandemia mundial

Covid-19¹³ que trouxe muita insegurança para todos, mas analisando especificamente os casos tratados nesta pesquisa, vimos que o contexto atual afetou a vida dos que tinham contratos de trabalho mais precários, como era o caso de Marcela, que trabalhava em uma cafeteria em Lisboa. Tendo em vista que uma das principais recomendações para evitar a contaminação pelo vírus consiste em se manter distante de aglomerações, diversos países, dentre eles Portugal, adotaram como medida o fechamento de estabelecimentos comerciais considerados não essenciais. No caso de Lisboa isso ocorreu em meados de março de 2020. Nesta altura, Marcela recebeu a notícia de sua chefe de que eles não conseguiriam mantê-la empregada, já que ela tinha sido a última a ser contratada. Nossa entrevista foi realizada no início de maio de 2020, e apesar de seu marido ter se mantido no emprego em uma editora trabalhando de casa, ambos contribuíam igualmente com as despesas, o que gerou uma enorme apreensão entre eles.

– Eu tô assim, bem preocupada. Mas enfim, tô procurando emprego de todas as formas de novo, só que é uma altura péssima, porque as coisas (es)tão começando a reabrir, várias pessoas foram demitidas. Não sei se você acompanhou os jornais do Rio [de Janeiro], mas aqui tiveram brasileiros desesperados para voltar pro Brasil, porque já não tinham como ficar aqui porque perderam seus empregos. Enfim, eu não sei nem o que vai ser de nós agora.

No final do mês de maio, quando nos falamos novamente e a abertura gradual das atividades dita não essenciais começou a acontecer, Marcela relatou que o estabelecimento a havia chamado de volta para recomeçar o trabalho em junho. Contudo, neste meio tempo, ela conseguiu um emprego de meio período em um escritório, que foi indicação do proprietário do apartamento que alugava. Ainda que tenha tido um desfecho desejável, a situação de Marcela significou para ela e seu marido contingenciamento de gastos, além de tensão colocada pela incerteza daquele momento. A precariedade da situação laboral de Paula e Roberta também foi agravada durante a pandemia. Ambas tiveram seus salários cortados em 20% com o fechamento temporário do hotel que trabalhavam.

Segundo relatório de 2020 elaborado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) os migrantes estão desproporcionalmente expostos às consequências da pandemia se compararmos com outros grupos. Nos Estados Unidos, por exemplo, a taxa de desemprego para estrangeiros saltou de 3.1% para 10.2% em agosto de 2020 e essa situação é similar a vivenciada em diversos países europeus. O texto revela ainda que em 2019 o desemprego dos imigrantes em nações da União Europeia ficou abaixo de 10%, o que é um valor bastante simbólico. Contudo, “a pandemia COVID-19 inverteu rapidamente esta tendência, colocando em causa mais de uma década de evolução positiva na inclusão dos

¹³ Até a redação desta parte do trabalho, de acordo com dados da Organização Mundial da Saúde já ultrapassamos a marca de 275 milhões de infectados e mais de 5 milhões de mortes ao redor do planeta. Para mais informações, consultar <<https://www.who.int/>>. Acesso em 26/12/2021.

migrantes no mercado laboral nos países da OCDE”. Vemos, deste modo, que a situação das três interlocutoras é uma evidência da difícil realidade enfrentada por estes migrantes.

Portanto, estamos diante de uma circunstância de dupla vulnerabilidade visto que a condição de migrante por si só já as coloca em uma posição mais desprotegida do que os cidadãos nacionais em relação ao mercado de trabalho, além de seus contratos nestes setores ditos de menor qualificação serem mais instáveis. Em artigo que analisa a questão do COVID-19 e dos trabalhadores migrantes e informais no Brasil e em Portugal, Borba e D'Angelo (2020) lembram que “não só aos imigrantes ficam reservados aos trabalhos “indesejados” pelos nacionais, que são mal remunerados e árduos, além de haver maior possibilidade de ocorrer o contato com o vírus” (p. 263).

Logo, durante a pandemia, alguns de nossos entrevistados estiveram em posições de maiores incertezas do que outros. Gustavo, Leonardo, Daniela e Eric que exerciam trabalhos qualificados, permaneceram trabalhando de casa sem o medo que pairava sobre os trabalhadores com contratos precários em trabalhos menos qualificados. Enquanto isso, Marcela, Paula e Roberta tiveram receio sobre seus futuros e a respeito de como seria a vida em Portugal, pois não sabiam como iria se desenrolar toda a conjuntura da saúde mundial naquele momento (meses de março, abril e maio de 2020). Vale lembrar que o retorno aos seus trabalhos, que ocorreu em junho de 2020, as coloca novamente em posição de insegurança em relação ao contágio do vírus. Portanto, a pandemia contribui para novas formas de precariedade para os estudantes internacionais, sobretudo os do sul global, tornando problemas que já existiam em suas trajetórias, ainda mais intensos e complexos (Malet Calvo, Cairns, França, & Azevedo, 2021).

4. CONCLUSÕES

Esperamos que este trabalho tenha contribuído para os estudos sobre as migrações mais recentes entre jovens brasileiros em direção a Portugal através de uma abordagem qualitativa sobre suas trajetórias, com o intuito de compreender as estruturas sociais objetivas na sociedade contemporânea. Buscamos entender tais trajetórias a partir dos conceitos de Gilberto Velho sobre *projeto* e *campo de possibilidades*. Estes se mostraram ferramentas interessantes para análise dos processos que aqui foram discutidos. A decepção com seus cursos e universidades, por exemplo, se inserem em um quadro comparativo que estes delinearam entre experiências pretéritas no Brasil em confronto com o novo *campo* encontrado nas novas instituições de ensino que passam a frequentar.

Temos a expectativa de que a análise dos percursos migratórios dos jovens abordados nesta pesquisa fomenta mais estudos a respeito do cotidiano destes estudantes internacionais, que mesmo com seus *projetos* migratórios bastante delineados antes da partida, quando chegam na sociedade acolhedora se deparam com uma série de complicações e dificuldades, relacionadas, por exemplo, ao machismo com as

mulheres, como vimos, ou com os empecilhos de conseguir um emprego em suas áreas ou até mesmo fora destas, mas que seja de maior qualificação. Concluímos então que mesmo com sua inserção nas camadas médias brasileiras, seus privilégios e certa posição social de prestígio no Brasil, não parecem ter prevalecido ao longo de suas trajetórias em Portugal. Esperamos por fim, termos dado voz a estes jovens migrantes, ressaltando a sua importância dentro da sociedade acolhedora, bem como sua relevância como tema dentro das ciências sociais e humanas.

5. REFERÊNCIAS

- Alonso, A. (2016). Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. In Sesc São Paulo/ CEBRAP, *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo*. Sesc São Paulo/ CEBRAP, 8-23.
- Barnes, J.A. (1987). Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo, Global.
- Barreto, A., & Dutra, R. (2012). Quando o Campo se move: trajetórias e projetos entre redes locais e transnacionais. *Antropolítica*. (32), 65-85. <https://doi.org/10.22409/antropolitica2012.0i32.a41461>
- Borba, C., & D'ANGELO, I. (2020). Ainda mais vulneráveis: um estudo comparado da questão do covid-19 e dos trabalhadores migrantes e informais no Brasil e em Portugal. *Revista Espaço Acadêmico*, 20(222), 258-269.
- Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2020). *Raides19: Resultados 1.º Semestre - Inscritos 2019/2020*. Disponível <https://www.dgeec.mec.pt/np4/1109.html>
- Enne, A. L. (2004). Conceito de rede e as sociedades contemporâneas. *Comunicação e Informação*, 7(2), 264-273.
- Ferreira, S., & Callou, M. (2016). O processo de construção de Lisboa no imaginário dos imigrantes brasileiros: fatores explicativos. *Revista Rural & Urbano*, 1(1), 11-18.
- Findlay, A. M. (2010). An assessment of supply and demand- side theorizations of international student mobility. *International Migration*, 49(2), 162–190. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2435.2010.00643.x>
- França, T., & Oliveira, S. P. de. (2021). Brazilian Migrant Women as Killjoys: Disclosing Racism in “Friendly” Portugal. *Cadernos Pagu*, (63), 1-16. <https://doi.org/10.1590/18094449202100630001>
- França, T., & Padilla, B. (2018). Imigração brasileira para Portugal: entre o surgimento e a construção midiática de uma nova vaga. *Cadernos de Estudos Sociais* 33(2), Dossiê Temático: Migrações em Países Lusófonos.
- Gabinete de Estratégia e Estudos (2019). *População Estrangeira Residente em Portugal - Brasil*. Disponível <https://www.gee.gov.pt/pt/lista-publicacoes/estatisticas-de-imigrantes-em-portugal-por-nacionalidade/paises/Brasil/4017-populacao-estrangeira-com-estatuto-legal-de-residente-em-portugal-brasil/file>
- Gomes, M. (2013). *O imaginário social “Mulher Brasileira” em Portugal: uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação*. (Tese de Doutorado), Retrieved from <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/6077>
- Koris, R., Mato-Díaz, F. J., & Hernández-Nanclares, N. (2021). From real to virtual mobility: Erasmus students' transition to online learning amid the COVID-19 crisis. *European Educational Research Journal*, 20(4), 463-478.
- Lima, M. (2016). O uso da entrevista na pesquisa empírica. In Sesc São Paulo/ CEBRAP, *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo*. Sesc São Paulo/ CEBRAP, 24-41.
- Machado, I. (2015). Brasileiros no exterior e cidadania (1980-2005). *TOMO*, (26), 211-245. <https://doi.org/10.21669/tomo.v0i0.4407>
- _____. (2007) Reflexões sobre as identidades brasileiras em Portugal. In J. Malheiros. (Ed.) *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), 171-189.
- Malet Calvo, D., Cairns, D., França, T., & de Azevedo, L. F. (2021). ‘There was no freedom to leave’: Global South international students in Portugal during the

COVID-19 Pandemic. *Policy Futures in Education*. <https://doi.org/10.1177/14782103211025428>

Malet Calvo, D. (2018). Understanding international students beyond studentification: A new class of transnational urban consumers. The example of Erasmus students in Lisbon (Portugal). *Urban Studies*, 55(10), 2142-2158.

Malheiros, J. (2007). Os brasileiros em Portugal: a síntese do que sabemos. In J. Malheiros (Ed.), *Imigração Brasileira em Portugal*, Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), 11-37.

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2020). International Migration Outlook. Disponível: https://read.oecd-ilibrary.org/social-issues-migration-health/international-migration-outlook-2020_ec98f531-en#page8

Padilla, B. (2006). Redes Sociales de los brasileiros recién llegados a Portugal: Solidariedade étnica ou empatia étnica. *Revista Alternativas, Cuadernos de Trabajo Social*, 14, 49-61. <http://dx.doi.org/10.14198/ALTERN2006.14.4>

Padilla, B. (2007). A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise. In J. Malheiros (Ed.), *Imigração Brasileira em Portugal*, Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), 113-134.

Pais, J. M. (2016). Jovens, trabalho e futuro: dilemas e desafios. In: G. P. N. Rocha, R. L. Gonçalves, & P. D.

de Medeiros (orgs.), *Juventude(s): Novas Realidades, Novos Olhares*. Edições Húmus, Lda.

Peixoto, J., & Egreja, C. (2012). A força dos laços fracos: : estratégias de emprego entre os imigrantes brasileiros em Portugal. *Tempo soc.*, 24(1). <https://doi.org/10.1590/S0103-20702012000100013>

Pontes, L. (2004). Mulheres brasileiras na mídia portuguesa, *Cadernos Pagu*, (23), 229-256. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000200008>

Sá, B. S. de, Folriani, M. D., & Rampazo, A. V. (2017). Assédio Sexual: O Poder do macho dentro da universidade. *Revista EAS - Estudos de Administração e Sociedade*, 3(2), 22-31.

Schutz, A. (1971). *Collected papers - the problem of social reality*. Haia, Martinus Nijhoff.

Velho, G. (1994). *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro, ZAHAR.

_____. (1989). *A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro, ZAHAR.

Wilken, L., & Dahlberg, M. G. (2017) Between international student mobility and work migration: experiences of students from EU's newer member states in Denmark, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 43(8), 1347-1361. <https://doi.org/10.1080/1369183X.2017.1300330>